

O Chalé de Cork

2ª edição

Quito Arantes



Tecto de Nuvens

Título

O Chalé de Cork

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

960131916; geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autor

Quito Arantes

Capa

Hugo Baganha para a Tecto de Nuvens (a partir da capa da 1ª edição de Lígia Ramos)

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Lígia Ramos para a Tecto de Nuvens

Paginação

Tecto de Nuvens

© *Quito Arantes*

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 9789898197689

D. L. 403228/15

Texto baseado no novo Acordo Ortográfico

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.

A gerência da Tecto de Nuvens

Ao meu querido sobrinho João Afonso

Introdução

Esta história, ficcionada, leva-nos a uma comunidade rural e multicultural, onde as pessoas eram recrutadas mediante a sua história de vida e motivos pelos quais estavam interessados em viver e trabalhar na mesma.

Este retiro de trabalho comunitário e os bons corações dos seus proprietários, fazem com que os residentes se encontrem como pessoas, procurando passar uma borracha sobre os seus passados e caminharem para uma vida de compreensão e felicidade num mundo que devasta as almas das pessoas.

O Chalé de Cork é uma comunidade imaginária que muito bem poderia existir em todos os países do mundo, criando espaços para as pessoas se relacionarem e partilharem vivências para uma melhor harmonia entre o ser humano.

A vida não estava fácil, acusavam-me de ter uma vida efémera, e então resolvi por pés ao caminho, em direção ao sul da Irlanda, mais concretamente para a periferia da cidade de Cork.

Tinha ouvido falar de uma comunidade que vivia numa quinta, ou seja, num antigo e carismático chalé.

Abandonei a minha casa apenas com a minha bagagem, deixando para trás as pessoas mais queridas da minha vida.

A viagem até lá não deveria ter dificuldades, só tinha que apanhar o expresso até ao porto de Havre em França, para depois apanhar o ferry até ao sul da Irlanda.

Optei por estes transportes, porque pareceu menos dispendioso e até ao destino iria ter tempo para pensar se realmente estava a viver uma vida efémera ou se continuava a ser um incompreendido por quem vivia perto de mim.

Comprei o bilhete de autocarro para França, e esperei pela partida. Era uma segunda-feira de um dia de primavera ainda um pouco fria e chuvosa.

Na estação de autocarros estavam algumas pessoas que também iam viajar no expresso. Não conhecia ninguém apesar de serem da minha pequena cidade.

Eram seis da manhã, e as pessoas, quase todas homens, me pareceram gente que ia emigrar, a vida em Portugal não estava fácil, existia muito desemprego, e isso notava-se nos supostos novos emigrantes; rostos tristes e de poucas falas, não pensavam fazer fortuna mas simplesmente

fugir à miséria em que se encontravam. Havia famílias para sustentar, crianças que passavam necessidades de vária ordem.

Entramos todos para o autocarro, e partimos quase todos com o intuito de dar uma reviravolta na vida.

Pairava um silêncio de cortar à faca, cada um dos passageiros decerto que tinham uma história de vida, não menos difícil do que a minha, embora por outras razões, também não menos importantes.

Ao meu lado ia um indivíduo com boa apresentação, parecia talvez o chefe da equipa que ia trabalhar para França.

Olhava-me de cima a baixo como se estivesse a tirar as medidas. Devia ter chegado à conclusão que eu não era um hipotético emigrante como os outros que embarcaram naquela aventura. Digo aventura, porque para todos os efeitos emigrar seja para que sítio for, na generalidade é sempre uma aventura. Deslocarmo-nos para um local onde não conhecemos ninguém, não sabendo quem espera por nós, é sempre uma aventura, para o bem e para o mal.

Mas voltando ao sujeito, chefe da equipa, no fim de todas as medidas tiradas, eis que o homem começa o interrogatório, então dizia ele: - Também vai emigrar para França?

- Como é que se chama? – É de cá?

Antes que o homem me bombardeasse com mais perguntas, respondi-lhe: - Não vou para França, nem vou precisamente emigrar e por acaso até sou de cá.

O homem ficou praticamente a saber pouco mais do que sabia até aquele momento. Não quis dizer-lhe o meu nome, nem para onde ia, pois como ficou a saber que era da mesma terra, não me pareceu muito conveniente que soubesse tanto quanto eu. No fundo estava a lidar com

um estranho, que tinha cara de poucos amigos. Pareceu-me ser mais um suposto capataz aos tempos antigos, portanto achei melhor não lhe dar muita confiança.

O autocarro partiu, ia quase completo, restavam três ou quatro lugares.

Depois de termos passado a fronteira portuguesa, resolvi mudar de lugar, pois não queria ser novamente interrogado, não estava com pachorra para aturar o chefe de equipa, ou seja, o capataz do grupo de emigrantes, com destino ao desconhecido.

De certa forma eu também ia para um destino desconhecido, apesar de me ter informado bastante sobre a dita comunidade de Cork.

À minha frente estavam dois jovens, mais ou menos na casa dos vinte e um anos. Ouvia-os falar de Bordéus e de construção civil. Certamente seria esse o seu destino. Como eu não percebia nada de construção civil, não cheguei a conclusão nenhuma, apenas algumas conversas de futebol, consegui entender. Estes dois jovens destoavam na média de idade dos restantes. A maior parte destes emigrantes teriam quarenta e pouco anos. Novos de mais para reforma e velhos de mais para arranjar trabalho em Portugal. A crise de emprego, os baixos salários e a idade já avançada tinham sido obrigados a procurar trabalho noutra país. Havia a prestação da casa, os estudos dos filhos para pagar, e não seria em Portugal que iriam resolver todos os seus problemas.

Perto da cidade de Burgos, em Espanha, tivemos uma pequena paragem para comer qualquer coisa. Como bons portugueses que eram, não faltou o garrafão de vinho tinto e umas fêveras de porco para acompanhar.

Sentia-me um pouco deslocado naquele ambiente, mas

não tardou a ser convidado a entrar no farnel. O Costa, um senhor que era muito solicitado pelos companheiros, veio simpaticamente ter comigo convidando-me para beber e comer, ao qual aceitei sem problema nenhum. Para mim, ele não eram nem mais nem menos do que eu. Eram pessoas trabalhadoras que lutavam por uma vida melhor para as suas famílias. Depois de uns bons copos e umas fêveras e umas risadas à mistura, lá fomos falando das nossas aspirações. Quando disse ao Costa que ia para uma comunidade, ele não compreendeu bem o que queria eu dizer com isso. Então expliquei-lhe que era um grupo de pessoas que viviam numa quinta, trabalhando para o bem comum, onde o lucro do trabalho era dividido igualmente por todos.

Ele respondeu-me muito convicto: - “Mas isso era nos tempos dos hippies, nos anos sessenta.” Respondi-lhe que felizmente ainda existiam algumas comunidades na Europa, poucas, não tão rigorosas como naquele tempo, mas existiam.

O Costa ficou a pensar no que eu lhe tinha dito, mas para ele e seus companheiros o importante era ganhar o máximo de dinheiro possível, para mandar para casa.

Já estávamos perto de fronteira de Andaya, e mais duas horas de caminho chegava ao fim a viagem destes emigrantes. Eu iria seguir até ao porto de Havre. Certamente iriam entrar novos passageiros, talvez sim talvez não.

A paisagem mudou várias vezes, desde a saída de Portugal, mas o verde dominava na maior parte das regiões. Estávamos a viajar pela parte norte da península ibérica, iríamos entrar na zona sudoeste de França, virada ao canal da mancha. Uma nova língua tinha que falar, a